



ANO II — Dezembro de 1969 — N.º 19 — Director : Pároco de Esposende - Portugal — Telef. 89291

COMPOSTO E IMPRESSO NA
Gráf. Editora do Cávado - Esposende

A MAIOR MENSAGEM

Toda a história do mundo se desenrola entre estas duas coordenadas: Deus e os homens. Deus que fala aos homens e estes que respondem a Deus.

A comunicação de Deus com os homens (revelação) é sempre a manifestação da vontade divina a respeito da atitude tomada, ou a tomar, pelos homens.

A estas mensagens divinas deve o homem responder afirmativa e amorosamente.

A maior revelação de Deus aos homens teve lugar há vinte séculos, nesta quadra do inverno, nas inesquecíveis paragens do Oriente. É a própria **Palavra** de Deus — o **Verbo** — que assume misteriosamente a nossa natureza para se fazer **um** de entre nós e ser para todos o Caminho, a Verdade e a Vida. A sua vinda à terra foi preparada. Para cor dominante da decoração do cenário o Divino Artista não hesitou em escolher a alvura da **pureza**. O Senhor, **santificando o tabernáculo em que devia descansar**, começa por fazer pura a sua própria **Mãe**.

É puro o **percursor** ...

É puro **S. José**, o esposo virginal ...

São puros os **anjos**, os **pastores** e os **cordeirinhos**.

Até a **neve** branca se encarrega de purificar a natureza! Nestas manhãs de inverno os campos e os montes aparecem toucados de branco, como se estivessem polvilhados de alvíssima farinha!

Mas o pior é que esta neve caiu também nas almas!

O quadro tornou-se sombrio: neve na natureza — neve nas almas e nos corações. Estes já não vibram de amor nem se inflamam naquele fogo divino da gruta de Belém! Tantas corações frios e impuros! Como seria belo o mundo das almas se todas se elevassem aos píncaros sublimes da pureza e da dignidade!

Como ele seria belo, se os charcos imundos do vício fossem polvilhados de brancura imaculada, que o sol nunca degelasse!

Quanta pureza espezinhada, com a mesma indiferença com que nós calcamos, insensíveis, a neve branquinha das estradas e dos caminhos!

Tantas almas inocentes, que o tempo transforma em lama, como o sol faz à neve!

E à beleza da neve opõe-se o suplício do frio.

Quantas almas geladas, infecundas, inúteis, estérteis, egoístas, insensíveis ao Amor de Deus e à caridade para com os homens!

Que esta **Alta Mensagem de Pureza e de Amor**, que a quadra do Natal desdobra diante de nós, atinja todas as almas e todos os corações enlameados e arrefecidos, a fim de que o cenário do mundo seja transformado radicalmente, e se implante, quanto antes, sobre a terra, o **Mundo Novo da Redenção**.

Boas Festas

Desejamos que todos os paroquianos, amigos, benfeitores, soldados no Ultramar, emigrantes e leitores deste Boletim Paroquial, tenham Boas-Festas de Natal e um Ano Novo chelo de prosperidades.

P.e Manuel Baptista de Sousa

Movimento Religioso

Em Novembro

Baptismos

Dia 2 — António Pedro Meira Losa, filho de José Arménio Cardoso de Jesus Losa e de Maria da Conceição Meira Vilacha, residentes na rua Conde de Castro.

— Maria Madalena da Costa Loureiro, filha de Manuel Reis Loureiro e de Maria de Lurdes Fernandes da Costa, residentes na Av. Cinco de Outubro, 14.

9 — Luís Miguel Torres Carvalho, filho de Luís Ferreira da Silva Carvalho e de Maria da Conceição Loureiro Torres, residentes no Largo Rodrigues Sampaio.

16 — Sérgio Manuel Torres Lopes, filho de Adriano Augusto dos Santos Lopes e de Isaura Loureiro Torres Lopes, residentes no Largo Tomás de Miranda, 5.

— Manuel António de Barros Nunes Novo, filho de António Lima Nunes Novo e de Maria José de Barros Paquete, residentes na rua Narciso Ferreira, 9.

Óbitos

Dia 16 — Fernando Neto Bernardino, de cinco meses, filho de Alfredo de Jesus Bernardino e de Magnífica de Jesus de Lima Neto, residentes na Travessa dos Pescadores.

19 — Maria de Lurdes Alves Correia, de 56 anos de idade, casada com António Alves da Quinta, doméstica, natural desta Vila, onde era residente na rua da Amargura, 1.

Soldados no Ultramar

Em defesa da Pátria, irão passar o próximo Natal no nosso Ultramar, os seguintes jovens esposendenses:

Luciano António Vilas Boas Pais; Pedro Alves Miquelino; Paulo Alves Miquelino Guimarães; António Albano Guerra; Virgílio Novo dos Santos; Leopoldo Pereira Alves; José Gonçalo Alves da Cunha; António Maria Lemos da Costa; Joaquim Ferreira da Silva Rosário; João Baptista de Sousa Graça; Jaime Alves Regado; Manuel Fernando Morgado Neto; Luís Ferreira da Silva Carvalho; Manuel Baltasar Regado; Valentim Francisco de Sousa Lemos; Manuel Maria Fernandes Ferreira; Luís Ribeiro Machado; Júlio Augusto de Magalhães Faria.

A estes dezoito jovens que lutam nas nossas ter-

• Noticiário •

— Nos dias 6, 7, 8 e 14 do corrente dois escuteiros do nosso agrupamento frequentarão, em Braga, um curso para chefes de exploradores. Este agrupamento prepara-se também para cantar a Missa do galo na noite de Natal e confeccionar o Presépio. Parabéns.

— Têm emigrado muitos e-posendenses para França. No dia 25 de Novembro retirou-se para ali o Sr. António Paulo de Sousa com os seus nove filhos, a quem desejamos as maiores felicidades.

— De 23 a 30 de Novembro tivemos uma semana de prégações em honra do S. Coração de Jesus. Foi orador o Rev.mo Sr. Dr. Ferreira Rodrigues. As práticas foram muitíssimo concorridas e oxalá a semente tenha encontrado terra boa e promissora para dar fruto a cem por cento.

— No dia 10 de Novembro p. p. esteve, de tarde, nesta vila, Sua Ex.cia Rev.ma o Senhor Arcebispo Primaz, em demorada reunião de trabalho com o clero deste arciprestado.

— Estão prestes a iniciarem-se as obras de construção duma grande unidade fabril nos limites desta Vila.

As obras de urbanização do novo Bairro Social encontram-se também muito adiantadas. Regozijamo-nos com tudo isto pelo benefício moral e familiar que irá trazer a esta vila.

Quem nos dera ver tantas famílias melhor alojadas e isentas de toda a promiscuidade!

— Pelo Sr. António Miranda, proprietário da Fábrica de Tapetes de Beiriz — Póvoa de Varzim, foi oferecida, à Capela-mór da nossa Igreja Matriz, uma valiosa alfama vermelha.

O nosso muito obrigado por oferta tão valiosa.

AOS LEITORES

Aconselhamos os nossos leitores e assinantes a fazerem colecção deste Boletim, que não deve ser inutilizado após a leitura.

Se alguém pretender adquirir algum dos números anteriores, dirija-se a nós, pois, de quase todos os meses temos grande quantidade em depósito.

ras do Ultramar, numa vergonhosa guerra que nos tem sido imposta, apresentamos especiais votos de Feliz Natal. Não vos esqueceremos.

Gostaríamos que o calor familiar dessa noite memorável fosse suprido pela nossa amizade sincera e pelo ardor infindo do vosso amor à Pátria.

P.e Baptista de Sousa

CONVERSANDO SOBRE A MISSA

(Cont. da pág. 4)

refeições, por exemplo). Poderão ser ditas em voz alta se a assembleia não estiver a cantar, ou, se esta cantar, em voz baixa.

O Lavabo continua mas o aspecto prático que o «justificava» cede lugar a uma razão de ordem espiritual: gesto de purificação interior. Não foi totalmente abolido uma vez que se prevê que o sacerdote receba pessoalmente o produto das ofertas dos fiéis e, portanto, uma lavagem de mãos não vem a despropósito.

Ficaram incluídos no novo «Ordo» os novos prefácios. Ao dos Apóstolos foi-lhe dado o início comum aos outros e os verbos passaram do conjuntivo para o indicativo, resultando uma oração de louvor, como é próprio de um Prefácio.

Quase só a primeira Oração Eucarística, ou Cãnon Romano, sofreu algumas alterações, podendo omitir-se os nomes de alguns santos e todas as conclusões, de modo que fique apenas o «Amen» final. A imposição das mãos da epiclesse passa do «Hanc igitur» para o «Quam oblationem» (e começa aqui o texto comum a todos os concelebrantes).

As palavras da consagração ficam iguais nas quatro «Orações Eucarísticas» e na consagração do cálice o verbo foi mudado do futuro para o presente, após consulta especial do Instituto Bíblico.

4-Rito da Comunhão

Este rito inicia-se com o Pai-nosso. Na admoção do Pai-nosso, porque vamos falar com Deus, que é Nosso Pai, mudou-se o ousamos pelo confiamos.

Ao embolismo foi tirada a intercessão dos Santos e juntou-se-lhe uma referência escatológica e uma aclamação da assembleia.

Segue-se logo a oração da paz (agora antecipada à fracção da hóstia) e o sacerdote dá a paz a todos. Os membros da assembleia poderão dar a paz uns aos outros.

A seguir é a fracção do pão enquanto o povo, ou coro, canta o cordeiro de Deus o número de vezes que for necessário, terminando, à última, com «dai-nos a paz».

O sacerdote reza uma oração em silêncio de preparação para a comunhão e a assembleia também se prepara, em silêncio, para comungar. À fórmula tradicional «eis o Cordeiro de Deus...» juntou-se uma referência ao banquete escatológico. Quando o sacerdote começa a comungar a assembleia, ou coro, cantam o cântico da comunhão; se o sacerdote o tiver de rezar, fa-lo-á antes de dar a comunhão à assembleia. No fim da comunhão, as abluções (do cálice e vasos) podem ser logo feitas, a um lado do altar. Mas podem também ser deixadas para depois, ficando os vasos sagrados sobre o altar ou sobre a credência devidamente cobertos. Desta forma, o tempo de silêncio não é perturbado e o sacerdote é o primeiro a integrar-se nele. Neste caso virá, após a missa,

Os nossos Benfeitores

Pelo número anterior ofereceram:

5\$00 — Júlia C. Monteiro, Manuel A. Felgueiras, Matias A. da Costa, Anónimo, Manuel P. Barreira, António C. Zão, Dr. Natal Querido da Costa, Adelino L. Torres, Conceição Marques e Floriana Eiras.

2\$50 — António S. Gomes, Álvaro B. Ferreira, José Alberto Sousa e Silva, João Vilas Boas Neto, Manuel N. Quinta, Manuel M. G. Costa, Belermirino A. Ilá, Eduardo P. Viana, Madalena Gaspar, Idalina do Carmo Marques, Carlos L. Maciel, Garcia R. Domingues, Sr. Marques, Anónimo, Mário F. Casais, Manuel Rites, Manuel Cruz, D. Olímpia Viana, Abílio S. Teixeira, António P. Macedo, Samuel Santos, Orlando Silva Afonso, Olívia Sousa, Albino Miranda, João Patrão, Manuel Silva Pinto, Celestina Zão, Júlio Amorim, Armindo Gomes, Abílio Menina, Maria Helena Gonçalves, Maria de Fátima Vilas Boas Pais, Ernestino A. Miranda, Dr. Eduardo Regado, anónimo, Dr. Agostinho Reis, D. Etelvina Barros, D. Eva Portela, António Nunes Novo, Aires Maciel, Hortênsia Viana, António L. Miranda, João M. F. Pérola, Irene Fernandes, Quintino V. B. Neto, David A. Eiras e anónimo.

2\$00 — António Barbosa, Elisa Viana e Rufino A. Ilá.

Sem tempo determinado ofereceram:

20\$00 — António de Sousa Ribeiro, Prof. Agostinho N. Gonçalves e David C. da Costa (França).

A todos o nosso muito obrigado.

sem paramentos ou de sobrepeliz e estola, fazer as abluções.

A Liturgia Eucarística termina com a oração depois da comunhão.

5-Conclusão

Consagra-se o princípio de que os avisos devem ficar para esta altura. Depois pode seguir-se uma palavra de despedida e, por fim, a saudação, a benção e o «vamos em paz...»

Mudou-se de «Ide» para «vamos» porque o «Ide» supunha que o celebrante ficava a dar acção de graças, mas agora esse dever é cumprido por todos no silêncio após a comunhão.

Em vez do silêncio pode optar-se por um cântico, hino ou salmo de louvor (não oração ou prece de súplica).

Quando, depois da missa continuar outra acção litúrgica (por exemplo, a absolvição dum cadáver) omite-se todo este rito de conclusão.

E ficamo-nos por aqui, nesta conversa.

Importa ainda notar que a parte dialogal ficou comum a Portugal e Brasil, e importa frisar sobremaneira que esta nova Ordenação não terá qualquer sentido se os fiéis não chegarem uns minutos antes da hora marcada (nunca atrasados) e se não forem todos a cantar e a rezar aquilo que lhes pertence.

Conversando sobre a MISSA

Em 3 de Abril de 1969 o Santo Padre aprovou o novo Missal e no dia 6 aprovou o novo «Ordo Missale», realizando por estes documentos, mais uma nova e última Ordenação da Missa.

Depois do Concílio, já várias vezes tinha sido modificado o rito da Missa, esta, porém, foi das mais profundas.

Antes de mais, convém evitar o escândalo de uns ou a crítica infundada de outros, notando que a evolução não é sinal de crise mas de revigoração. A evolução somente se dá no accidental, e, por isso, o ofertório, a consagração e a comunhão sempre hão-de permanecer. Evoluir, nas partes não essenciais, pode ser uma necessidade imposta pela multipla adaptação ou outras circunstâncias.

Todavia, como afirmou há dias o Santo Padre, fora a Missa continua a ser a Ceia e o Sacrificio de Jesus Cristo, tornado presente no meio de nós e para nós, *sem qualquer alteração fundamental* (19-11-69).

Este novo rito da Missa (que já nem parece romano, nem bracarense) é mais pobre em cerimónias, mas muito mais rico em espírito. Nele, conforme fora a assembleia, assim será o ritual a utilizar. A assembleia parece ser agora a principal ou única rubrica, e por isso, a nova divisão das missas será: missas com povo ou sem povo. O que até agora era intemporal e desincarnado, tornou-se oração mais pessoal e alimento mais digerível. Antes, tudo estava previsto, menos o povo; agora, fica tudo em função do povo, do seu nível ou cultura religiosa, das suas necessidades, etc.

A auséncia de fiéis parece ser uma forma anormal de celebrar a Santa Missa.

Debaixo do princípio geral da *unidade na diversidade*, o celebrante ou presidente da assembleia, porque conhece o povo para quem e com quem celebra, *ordenará* a Missa, escolhendo certos textos ou leituras.

As características gerais das novas rubricas andam agora à volta destes pontos basilares: apresentar a celebração eucarística como acção sagrada de Cristo e da Igreja hierárquicamente organizada; tornar a pastoral da Missa do celebrante e do povo; buscar a participação dos fiéis e a adaptação à comunidade local concreta; guardar o equilíbrio entre o valor da celebração comunitária e privada; obedecer aos princípios gerais.

Esta renovação litúrgica vem a processar-se, gradualmente, há cerca de duas dezenas de anos. Mas valeu a pena tudo quanto se fez, pois, verifica-se uma diferença na participação dos fiéis verdadeiramente notável e consoladora.

Como não é possível, no espaço limitado deste boletim, descrever toda a reforma última da Missa, vejámo-la nas suas linhas gerais.

1-Ritos iniciais:

O altar, que deve permitir celebrar-se voltado ao povo, estará coberto *pelo menos* com uma toalha e tendo sobre ele, ou junto, uma cruz e os castiçais.

No cortejo de entrada poderá levar-se em todas as missas, o turíbulo a fumeigar, a cruz, as velas e o Evangelho (livro do altar). Durante este cortejo a assembleia entoia o cântico de entrada.

Ao chegar, o sacerdote sauda o SS.mo, o altar e o povo, dizendo a este algumas palavras sobre o sentido da celebração desse dia.

Segue-se um dos três esquemas do acto penitencial: *a)* ou confissão dita pelo celebrante e povo simultaneamente; *b)* ou Kyries com inovações apropriadas; *c)* ou um diálogo de versículos como os que temos rezado depois da confissão.

Como verificaremos, foi nestes quatro pontos - entrada, leituras, ofertório e comunhão - que incidiram as modificações.

2-Celebração da Palavra:

É de notar aqui o aumento dum a leitura do Antigo Testamento aos domingos e dias festivos. Assim deu-se ao gradual o sentido verdadeiro de meditação sobre a 1.ª leitura e a ela ligado fora.

O aleluia é uma aclamação do Evangelho e nada tem a ver com o gradual. Com a colocação dum a leitura do Novo Testamento (não Evangelho) entre o gradual e o aleluia evitou-se a confusão. Assim, o gradual, se não se canta, recita-se, e o aleluia, se não se canta (é aclamação), omite-se.

Beijará o Evangelho aquele que o proclamou (celebrante ou diácono).

Temos ainda a inovação de ficarmos com três esquemas de leituras (A, B e C), um para cada ano, de modo a só se repetirem após um ciclo trienal. Assim, teremos a oportunidade de conhecer, mais amplamente, a Sagrada Escritura.

3-Liturgia Eucarística:

Esta inicia-se com o ofertório ou «preparação dos dons». O ofertório era um rito demasiado desenvolvido, e por isso foi simplificado, suprimindo-se algumas orações.

A pala deixa de ser obrigatória (e será facultativa).

As orações que acompanham a deposição do pão e do vinho no altar deixaram o sentido ofertório e são agora verdadeira bênção (onde bem nos podemos inspirar para a oração antes das